

**Para a civilização e progresso das nações: a difusão das noções de higiene a partir de textos para professores primários.**

Tamires Farias de Paiva

UERJ/ PROPED

Eixo temático: Pesquisa, Leitura, Escrita e Educação

Categoria: Comunicação

**Resumo**

Palavras-chave: Textos; Higiene; professores primários

O presente trabalho é resultado da pesquisa de mestrado, cujas questões estiveram pautadas no exame dos discursos médico-higiênicos endereçados aos professores primários entre as décadas de 1910 e 1920. Como recorte da pesquisa realizada, refletimos acerca dos textos produzidos para subsidiar a formação dos professores em higiene. No primeiro momento deste trabalho, apresentamos uma visada sobre textos que foram publicados em diferentes países, cujo objetivo era fornecer aos professores noções de higiene postas como necessárias ao seu ofício. No segundo, realizamos abordagem sobre dois compêndios que foram utilizados no ensino de Higiene na Escola Normal do Distrito Federal: *Noções de Higiene*, de Afrânio Peixoto e Graça Couto, e *Compendio de Hygiene*, de Fontenelle. Le Goff (1992), ao nos lembrar que o documento não é inócuo, porém resultado de uma montagem da história, oferece-nos uma interessante proposição de olhar. Ao propormos atenção para os suportes que puseram em circulação discursos acerca do professor, investimos esforços para a compreensão da questão no campo das representações, reconhecendo que se trata de textos que carregam a percepção do social que um dado grupo deseja impor.

## Breves apontamentos sobre a produção estrangeira de manuais

Neste trabalho, privilegamos uma reflexão acerca dos textos que foram publicados com o objetivo de oferecer aos professores em formação noções de higiene. A publicação destes textos não se limitaram ao Brasil e, portanto, com o propósito de observar e refletir sobre este movimento que mobilizou médicos e educadores em diferentes países, tomaremos alguns exemplos.

Os manuais e compêndios de Higiene se constituíram dispositivos didático-pedagógicos utilizados no ensino da disciplina nos cursos normais. A respeito dos manuais de higiene que compuseram o plano de formação de professores, na Colômbia, Carlos Ernesto Ramírez (2002) afirma que

Constituyen un documento particularmente significativo en la historia de la educación y la pedagogía nacional. Antes que textos para apoyar el trabajo de enseñanza de los principios higiénicos a los escolares, los manuales de higiene pretendieron constituirse en guía para la formación pedagógica del maestro, para el cuidado y perfeccionamiento de los escolares, y más ampliamente para la orientación de la nación hacia la civilización y el progreso. (RAMÍREZ, 2002, p. 277)

No excerto acima são evidenciadas duas interessantes funções dos manuais escolares de higiene: a primeira remete à sua condição de texto auxiliar da prática docente, já que subsidiaria o ensino dos princípios higiênicos aos alunos; a segunda diz respeito ao próprio mestre, à sua formação pedagógica, uma vez que estes manuais também reuniam orientações acerca de assuntos relacionados diretamente ao ensino. Desta maneira, com relação à prática docente, a higiene procurou interferir em diferentes questões, modulando seus discursos no sentido de convencer os responsabilizados pela tarefa de ensinar acerca dos supostos benefícios de suas doutrinas para o bom desenvolvimento dos escolares e a manutenção de um ambiente de ensino saudável.

No ano de 1873, um pequeno livro intitulado *Hygiene para uso dos mestres-escola* foi destinado às administrações das escolas do Império, no Brasil, e a todos aqueles cuja prática de ensino fosse seu ofício (GONDRA, 2007, p. 183). De acordo com Gondra (2007), tal publicação compilava quatro conferências pedagógicas apresentadas por um médico a professores primários franceses, em 1867. A veiculação deste impresso no Brasil, juntamente com um conjunto de outros compêndios de higiene que foram endereçados a professores brasileiros nas décadas seguintes, expressa um dos modos como as doutrinas médico-higiênicas procuraram interferir no

ofício docente. Ademais, as publicações sobre a temática contribuíram para forjar um estatuto para os professores primários, aos quais não bastaria apenas ensinar, cabia-lhes, também, educar higienicamente o corpo. Neste aspecto, a higiene se apresentou como um campo cujos conhecimentos elementares deveriam fazer parte da formação docente. Cabe assinalar, no entanto, que o registro da publicação de *Hygiene para uso dos mestres-escola*, no século XIX, é apenas um exemplo para se pensar como, em território brasileiro, as questões sobre higiene foram veiculadas no campo de formação docente e quais influências tiveram, estendendo-se ao século XX. Cabe registrar ainda que, como corpo de doutrinas que procurou alcançar diferentes instâncias, a higiene também se fez presente em outros dispositivos, como livros destinados às famílias, manuais de leitura e literatura destinados ao público infante-juvenil. Dentre trabalhos que tratam da temática, podemos destacar David (2009), Bezerra (2010) e Bastos (2005), respectivamente.

AntonioViñao Frago (2010), com o objetivo de demonstrar o entrelaçamento dos discursos médicos e pedagógicos na Espanha do século XIX, apresenta mais um exemplo de impresso que atestou a participação de médicos na produção de manuais para professores de jardins de infância: o *Manual para los Maestros de Escuelas de Párvulos* (1850), do médico e pedagogo Pablo Montesino. Tal médico defendia a importância do engajamento da família e docentes na difusão dos princípios de higiene. Na Argentina, o compêndio traduzido dos ingleses Thomas Henry Huxley e William Jay Youmans (*The elements of Physiology and Hygiene: a textbook for educational institutions*), intitulado, na versão em espanhol, *Elementos de Fisiología é Higiene: libro de texto para los institutos de educación* foi utilizado na formação de professores em fins do século XIX<sup>1</sup>.

No contexto da produção estrangeira sobre higiene, outro caso que nos ajuda a pensar a circulação de compêndios escolares que foram endereçados aos professores em formação é *Nociones de Anatomía, Fisiología e Higiene*, de Emílio R. Olivé. Tal compêndio foi editado pela primeira vez no ano de 1884, em Buenos Aires e, de acordo com María Di Liscia e Graciela Salto (2004), o livro era utilizado como material de leitura e estudo nas escolas normais bonaerenses até princípios do século XX. *Higiene y Puericultura*, do médico e professor Mariano Etchegaray, também se constitui como mais um exemplo deste tipo de publicação. Publicada a primeira edição

---

<sup>1</sup>Esta tradução, dentre outras obras, é registrada no site da *Biblioteca Nacional de Maestros* (Argentina) como uma das indicações de leitura realizadas pelos alunos das escolas normais na virada do século XIX. Acesso por [http://www.bnm.me.gov.ar/e-recursos/medar/exposiciones/formacion\\_docente/expansion.htm](http://www.bnm.me.gov.ar/e-recursos/medar/exposiciones/formacion_docente/expansion.htm)

no ano de 1915, tratou-se da compilação de conferências anteriormente ditadas pelo autor na *Escuela Normal Nº 1*, localizada em Buenos Aires.

Publicado em 1906 por Charles Porter, *School Hygiene and The laws of health: a textbook for teachers and student in training* é mais um exemplo para se pensar a circulação dos discursos médico-higiênicos no âmbito da formação de professores. Este livro se trata de um ciclo de palestras sobre a “arte de preservar a saúde”, que foram endereçadas a professores em formação da Escola Normal de Sheffield, na Inglaterra. Recorrer a exemplos como estes auxilia-nos, por um lado, a perceber que a interferência médica na constituição de um estatuto do professor primário, sob uma perspectiva higiênica, foi experimentada em diferentes países e já constituída desde o século XIX; por outro, retomar a ideia de que a relação entre medicina e formação de professores oferece questões interessantes para tornar pensáveis representações acerca da prática docente e de seus sujeitos.

Os casos aqui apresentados ajudam a compreender que havia uma interessada produção de compêndios sobre higiene que, pretendendo atender também a formação de professores, sinalizava para novos papéis que estes agentes deveriam assumir. De algum modo, como esperavam os médicos interessados no estudo da higiene escolar, esta “nova medicina” deveria oferecer novas posturas à prática docente, pois, ao conhecer, por exemplo, as etapas de desenvolvimento da criança, o professor supostamente contribuiria para que a escola perdesse, cada vez mais, as evidências de uma “fábrica de anormais”.

É necessário destacar que a produção de compêndios de higiene, que tinha os professores primários como público-leitor, aconteceu associada a um conjunto de iniciativas. No Rio de Janeiro, por exemplo, uma destas iniciativas foi a regulamentação do serviço de inspeção médica nas escolas do Distrito Federal, em 1909, e, pouco mais tarde, a criação dos Pelotões de Saúde, que viam nas marchas públicas e nas campanhas por estes grupos organizadas, dentro e fora das escolas, a possibilidade de disseminar a educação higiênica dentre a população carioca. Neste sentido, é necessário sobrelevar o fato de que as investidas na relação entre educação e saúde procuraram estar afinadas aos princípios da higiene defendidos nos meios científicos brasileiros já desde meados do século XIX.

No intento de reorganizar o espaço da cidade, as escolas primárias, como primeiro nível de acesso à educação escolar, apresentavam-se como espaços adequados para esta remodelação do comportamento dos indivíduos. A condição da escola como lugar favorável à disseminação das doenças infecto-contagiosas – dada

a aglomeração diária de indivíduos – e, propriamente, a produção de deformidades corporais também reforçou a ideia de que se tornava necessária a tomada de iniciativas em proveito da melhoria deste espaço.

No âmbito das práticas discursivas higiênicas, não poderia o professor ensinar que o uso desmedido do álcool tinha consequências maléficas física e moralmente para os indivíduos se, além do muro escolar, repetia tal ação outrora repudiada. No entanto, como nos lembra Michel De Certeau (1998), é necessário assinalar que há “mil práticas pelas quais os usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural” (p. 41). Neste sentido, o historiador alerta para a necessidade de reconhecermos as “mil maneiras de fazer” que formam a contrapartida, a “caça não autorizada”.

### **Dois casos brasileiros**

De conteúdo escolar à condição de disciplina autônoma, a Higiene percorreu interessante trajetória na formação do professorado primário carioca. Ao reunir um corpo de conhecimentos científicos sob o propósito de oferecer aos professores, em formação, uma educação higiênica adequada aos novos anseios sociais, tanto a disciplina lecionada nas escolas normais como a retórica presente nos compêndios cumpriram funções didáticas que merecem ser investigadas.

Importante é enfatizar que a veiculação da higiene na formação do professorado esteve associada, de um modo especial, ao problema da saúde pública. Ademais, como assinala Pycosz e Oliveira (2009), indicou “a associação da higiene com a cruzada moralizadora que tinha, principalmente na higiene escolar, importante sustentação” (p. 141). Ao passo que a higiene oferecia aos futuros professores um corpo de conhecimentos postos como necessários à regulação da saúde, também produzia representações acerca do papel destes sujeitos no âmbito escolar.

Produzidos a partir da década de 1910, *Noções de Higiene*<sup>2</sup>, dos médicos Afrânio Peixoto e Graça Couto, e o *Compendio de Higiene*, do médico e professor de Higiene na Escola Normal do Distrito Federal José Paranhos Fontenelle, alcançaram edições que se prolongaram até os anos 1940. A longevidade das edições publicadas pode ser justificada pela condição de textos destinados ao uso escolar e,

---

<sup>2</sup> Este texto passou por alterações significativas da primeira para a segunda edição, pois, com o falecimento de Alberto Graça Couto, toda a parte dedicada ao estudo anatômico e fisiológico do corpo humano foi extraída. O objetivo era se adequar ao público leitor esperado.

especialmente, pela própria posição ocupada pelos seus autores: Afrânio Peixoto, que compartilhou a autoria da primeira edição com o médico Alberto Graça Couto, já possuía projeção tanto no campo médico como no educacional no momento de publicação de seu compêndio. José Paranhos Fontenelle, um ano antes da publicação do *Compendio de Hygiene*, assumia a função de professor de Higiene na Escola Normal do Distrito Federal, da qual se afastou apenas na década de 1950, quando foi jubilado. Fontenelle já atuava na Diretoria Geral de Saúde Pública do Rio de Janeiro como interino desde 1909. Neste sentido, já se encontrava em contato direto com os problemas sanitários da capital por meio de sua atuação no Serviço de Estatística Demógrafo-sanitária. Esta experiência, somada a outras, são registros que marcaram a escrita do *Compendio de Hygiene*.

Tanto *Noções de Hygiene* como o *Compendio de Hygiene* possuem registros de adoção nos programas de ensino da Escola Normal do Distrito Federal. Este último, com sua primeira edição publicada em 1918, representa um investimento do próprio professor na tentativa de auxiliar no ensino da disciplina de Higiene que lecionava nesta mesma escola, desde o ano de 1917. Conquanto se trate de projetos editoriais distintos <sup>3</sup>, ambos os compêndios de higiene guardam as características do gênero didático e expressam tentativas de veiculação de projetos de formação educativa que tiveram como base o discurso científico.

Na condição de programas para a formação de um público que se diferenciava daquele que compunha as cadeiras de medicina, é necessário destacar que em ambos os compêndios os autores procuram assinalar a condição elementar do texto apresentado. Ou seja, os dois projetos editoriais conformam uma iniciativa que visava veicular noções de Higiene que, embora rudimentares, intentavam formar a base da educação higiênica supostamente necessária ao indivíduo. Partindo de questões mais gerais, com relação ao meio, e perpassando as preocupações higiênicas relativas ao indivíduo e sua formação, tanto *Noções* como o *Compendio de Hygiene* apresentam um plano básico de formação que não excedeu o propósito da elementaridade, conquanto tenhamos constatado, especialmente da primeira para a segunda edição de ambos os compêndios, a ampliação dos assuntos abordados. No caso de *Noções*, por exemplo, o tratamento das questões escolares foi ampliado, incluindo-se referências a autores como Gustave Le Bon, Herbert Spencer, Montaigne e Claparède – que já compunham a escrita do *Compendio de Hygiene*, desde a primeira edição, em 1918.

---

<sup>3</sup> Enquanto *Noções de Hygiene* se endereçava, além das escolas normais, a cursos como os de farmácia e odontologia, o *Compendio de Hygiene* se destinava especialmente à formação de professores primários.

É importante destacar, ainda, a presença em comum do tema da Higiene Infantil. Antecedendo, nos dois casos, o tratamento dos assuntos escolares, este tema se constitui como introdução à questão da higiene no plano do desenvolvimento humano. Nele são explanadas noções de puericultura e o estudo tem uma justificativa em comum, apresentada por ambos os autores: a preocupação com o futuro da pátria. As taxas de mortalidade infantil são ressaltadas em ambos os compêndios, delineando um quadro de risco com relação ao “futuro da espécie humana e das nacionalidades fortes”, como assinala Afrânio Peixoto (1921). Não é sem propósito que este tema mereceu atenção nestes dois compêndios escolares, imputando responsabilidade tanto aos governantes e pais como àqueles para os quais se destinavam: os professores primários.

Posta como “ofício de salvação pública”, a puericultura é apresentada em *Noções de Higiene* como estudo indispensável para o conhecimento da criança, a prevenção da mortalidade infantil e a promoção da saúde. Vale acrescentar que Afrânio Peixoto foi um dos intelectuais que defenderam a inserção do ensino da puericultura desde a escola primária e como disciplina lecionada, de modo especial, às meninas <sup>4</sup>. Nas escolas normais, a puericultura também integrava o plano de formação, dando ênfase à proteção e formação higiênica da população escolar. Para além da justificativa científica postulada por meio da Higiene, a representação veiculada do magistério como prolongamento das funções maternas também produzia um clima favorável para a permanência da puericultura como assunto tratado nos cursos normais, voltando-se tal discurso especialmente para o sexo feminino. Neste sentido, ao incluir o estudo da Higiene Infantil, estes dois compêndios reafirmavam o lugar do aprendizado sobre o crescimento e desenvolvimento da criança no plano de formação do professorado primário. Nas palavras de Fontenelle (1918), o conhecimento de cada momento do grau de desenvolvimento físico e mental da criança na escola se fazia necessário segundo o *moderno conceito de educação* e deveria se constituir, por conseguinte, como padrão pelo qual o regime educativo seria traçado. Estabelecia-se, então, a importância do professor como agente atento a estas questões, cumprindo o papel de “braço direito do higienista”.

---

<sup>4</sup> Esta ideia é claramente exposta no livro *Ensinar a Ensinar*, publicado em 1923, sob a autoria de Afrânio Peixoto: “É a eugenia a moderna arte ou ciência que se preocupa com uma raça humana sadia e feliz e a felicidade daqueles donde há de vir. Um dos seus capítulos, no qual a tenra infância das escolas terá colaboração é a ‘puericultura’, no que se refere ao trato aos irmãos mais tenros, ajudando no próprio lar as mães e aprendendo para o futuro o divino mister de mãe.” (PEIXOTO, 1923, p. 64)

A partir das palavras assinaladas pelos autores da primeira edição de *Noções*, podemos constatar o interesse em alargar o papel do professorado: além da instrução, compartilhava-se a responsabilidade pela promoção e conservação da saúde. Realizariam o ofício de mestres, porém, executando-o a partir das lentes de médicos. Os professores eram arregimentados para o erguimento da bandeira da saúde pública, exercendo não apenas a nobre tarefa da instrução, mas também cumprindo a missão patriótica de salvação da raça. Versados e bem práticos na transmissão das noções de Higiene, os professores primários também deveriam contar com um espaço escolar adequado – embora a realidade nem sempre se constituísse como o idealizado.

É importante assinalar, todavia, que, embora o professorado primário tenha sido convocado para o auxílio na campanha higiênica, que se pretendia realizar no interior da escola, o papel dos médicos escolares permaneceu como de destaque neste espaço. Em ambos os compêndios, é notável a representação que se forja acerca destes agentes como *conselheiros* nos espaços escolares para os quais os ouvidos dos professores deveriam estar atentos. Como sujeitos detentores de um discurso competente, os médicos escolares não apenas estariam encarregados da realização da inspeção higiênica escolar (desde os prédios até o exame individual de saúde dos alunos), mas, igualmente, tornavam-se responsáveis pela instrução higiênica dos professores, sobretudo com a realização de palestras.

Na condição de textos endereçados aos professores primários em formação, tanto *Noções* como o *Compendio* trazem marcas prescritivas, elevando-se à condição de guias supostamente indispensáveis para a prática docente. Neles são idealizadas ações que condiziam com as expectativas higienistas para o ambiente escolar e, propriamente, para o processo educativo. No entanto, por outro lado, há de se reafirmar que os efeitos dessa leitura para a experiência docente é algo mais complexo de se captar. Os modos como os professores se apropriaram deste tipo de leitura e fizeram usos dela ainda consistem em interrogações que os limites e os objetivos desta dissertação não nos permite alcançar. O historiador do livro Robert Darnton nos lembra a respeito das questões ainda ocultas sobre os processos de leitura e os modos como os leitores se apropriam do que lêem:

Apesar de uma volumosa literatura sobre sua psicologia, fenomenologia, textologia e sociologia, a leitura continua a ser misteriosa. Como os leitores entendem os sinais na página impressa? Quais são os efeitos sociais dessa experiência? E como ela sofre variações? [...] O historiador do livro pode empregar suas noções de “públicos fictícios”, “leitores implícitos” e “comunidades interpretativas”. Mas ele também

pode achar que suas considerações são um pouco estáticas no tempo. (DARNTON, 2012, pp. 144-145)

Os usos que os leitores fazem dos textos ainda configuram lacunas a respeito das quais a historiografia tem empreendido esforço com o intuito de preenchê-las. A tarefa é complexa e não envolve apenas o interesse dos historiadores em dar tratamento à questão, mas, de igual modo, evidencia-se um problema com relação às fontes documentais. Onde encontrá-las? Como tratá-las? Por mais que o texto procure modelar determinadas práticas, há de se reconhecer a multiplicidade e variabilidade das leituras que dele são feitas, cabendo ao historiador interrogá-las, quando possível. O caso de *Noções* e o *Compendio* embora não dê conta destes *usos efetivos*, pode auxiliar no sentido de identificar as marcas dos discursos científicos na prática docente e na própria pedagogia, evidenciando um campo prescritivo que tem resquícios no presente, conquanto se apresente sob novos mecanismos e com a presença de outros novos agentes.

### Referências bibliográficas e fontes

- BASTOS, Maria Helena Câmara. Infância, higiene e educação. In: *28ª Reunião Anual da ANPED*, 2005, Caxambu.
- BEZERRA, Rozélia. *A higiene escolar em Pernambuco: espaços de construção e os discursos elaborados*. 2010. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DAVID, Juliana Vital Abreu. *Faça seu filho feliz: o papel dos discursos especializados na construção da família moderna*. In: *XIV Semana de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro*, 2009, Rio de Janeiro.
- DI LISCIA, María Silvia; SALTO, Graciela Néida (Orgs.). *Higienismo, educación y discurso en la Argentina (1870-1940)*. Santa Rosa: Editorial de la Universidad Nacional de La Pampa, 2004.
- FONTENELLE, José Paranhos. *Compendio de Higiene*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurillo, 1918.
- \_\_\_\_\_. *Compendio de Higiene*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Propriedade do Autor, 1925.
- GONDRA, José Gonçalves. *Artes de civilizar: Medicina, Higiene e Educação escolar na Corte Imperial*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.
- \_\_\_\_\_. Entre o cura e o médico: higiene, docência e escolarização no Brasil imperial. *Revista História da Educação*, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n.22, p. 183-204, mai/ago. 2007.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: LE GOFF, Jacques. *História e memórias*. Campinas: EDITORA UNICAMP, 1992.

PEIXOTO, Afrânio; COUTO, Alberto Graça. *Noções de Higiene*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1914.

PEIXOTO, Afrânio. *Noções de Higiene*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1921.

\_\_\_\_\_. *Ensinar a Ensinar*: ensaios de pedagogia aplicados à educação nacional. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1923.

PYCOSZ, Lausane Corrêa; OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. A higiene como tempo e lugar da educação do corpo: preceitos higiênicos no currículo dos grupos escolares do estado do Paraná. *Currículo sem Fronteiras*, v.9, n.1, p. 135-158, jan/jun 2009.

RAMÍREZ, Carlos Ernesto Noguera. Los manuales de higiene: instrucciones para civilizar al pueblo. *Revista Educación y Pedagogía*, v. 14, n. 34, p. 277-288, 2002.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Higiene, salud y educación en su perspectiva histórica. *Educar em Revista*. n. 36, Curitiba, 2010.